

RUI BARBOSA

SAUDAÇÃO
A
ANATOLE FRANCE

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA — RIO DE JANEIRO

APRESENTAÇÃO

No meio literário brasileiro do princípio do século, ambiente que BRITO BROCA estudou de modo magistral, num livro cheio de sugestões e ensinamentos,¹ poucos escritores estrangeiros exerciam maior sedução e influência do que ANATOLE FRANCE.

"Sei dizer que era um feitiço, uma coqueluche, uma deliciosa peste o anatolismo" — confessaria depois um dos mais perspicazes e cultos representantes da geração nascida por volta de 1900 — AUGUSTO MEYER.²

Verdadeiro "alastrim literário", ANATOLE FRANCE fascinava todos quantos, entre nós, eram dados às letras. O próprio GILBERTO AMADO, que não se deixava levar por entusiasmos fáceis (embora amasse a hipérbole), num ensaio, depois incluído em *A Dança sobre o Abismo*, exclamava: "Penso que LUCIANO DE SAMÓSATA, se ressuscitasse agora, o único escritor que leria sem desprazer seria ANATOLE FRANCE. Creio também que PÍNDARO, ANACREONTE, os sofistas, os trágicos, não desdenhariam de descer sobre ele os olhos. A própria Vênus Afrodite, se soubesse francês, com que surpresa deleitada não percorreria as páginas ao *Lys rouge!*"³

¹ Broca, [José] Brito. *A Vida Literária no Brasil — 1900*. Rio de Janeiro: MEC, Serviço de Documentação, (1956].

² MEYER, Augusto. *Preto & Branco*. Rio de Janeiro: MEC, INL, 1956, p. 98.

³ AMADO, Gilberto. "Anatole France". In: — *Três Livros*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1963, p. 436.

Grande foi, portanto, a responsabilidade de RUI BARBOSA, ao saudar o mestre, quando este por aqui passou, a caminho de Buenos Aires, em maio de 1909. O ídolo estava, então, no auge do prestígio, já tendo publicado as obras em que se alicerçava a sua glória: *Le Crime de Sylvestre Bonnard*, *Thais* (que serviu de tema à ópera de MASSENET), *Le Lys rouge* e *La Rôtisserie de la Reine Pédauque*, que muitos consideram a sua obra-prima.

Como acontece, com frequência, no mundo literário, o anatolismo também passaria de moda. As gerações surgidas depois da 1.^a Grande Guerra já não lhe sofreriam a influência, talvez porque a sua ironia, o seu diletantismo de espírito, não tivessem mais lugar no mundo convulsionado pela terrível hecatombe, talvez por se ter divulgado aquele agudo juízo de ANDRÉ GIDE: "J'aimerais FRANCE avec plus d'abandon, si certains imprudents n'en voulaient faire un écrivain considérable. Il est disert, fin, élégant. C'est le triomphe de l'euphemisme. Mais il rest sans inquiétude; on l'épuise du premier coup."⁴

Não nos esqueçamos, porém, de que, como notou TRISTÃO DA CUNHA, "a claridade dos espíritos é uma claridade lunar, cujo ciclo comporta certos prazos de ausência e quase de olvido entre os homens", não fosse "giratória" a sensibilidade humana.⁵ Assim, já se observa hoje, outra vez, na França e aqui, o interesse por ANATOLE FRANCE, sendo certo que o seu estilo, sua maneira clássica de escrever, nas pegadas de mestres como VOLTAIRE e RENAN, sempre foi o melhor penhor de que, mais cedo ou mais tarde, seria "redescoberto".

⁴ GIDE, André. *Journal* (1889-1939). Paris: Bibliothèque de la Pléiade Gallimard, 1941, p. 207.

⁵ CUNHA, Tristão da. *Obras*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1979, vol. I, p. 105.

De qualquer maneira, em 1909, o sol ainda estava longe do declínio, e FRANCE podia ser considerado a mais requintada expressão do humanismo europeu, aquele humanismo que, originária da Grécia, passa por Roma e chega a Paris.

Foi dentro desse clima de exagerada admiração que se deu sua visita ao Rio. Morto MACHADO DE ASSIS, desde o ano anterior RUI BARBOSA era o presidente da Academia, e a ele coube saudar o visitante em nome da instituição. Que dificilmente algum outro brasileiro, na época, se sairia melhor da incumbência, provam-no o texto original, agora reeditado, e a própria opinião do homenageado, em autógrafo que reproduzimos adiante.

RUI, que no famoso discurso do seu jubileu, em 1918, fez questão de declarar que não se considerava homem de letras, na saudação a ANATOLE FRANCE produz uma de suas peças mais literárias, com a particularidade de ser escrita numa língua que não era a sua .

Naturalmente por este motivo, a saudação a ANATOLE FRANCE é dos seus discursos menos divulgados. Sabe-se que foi ele quem saudou, em francês, o ironista de *Crainquebille*, quando este nos visitou, acompanhado pelo irreverente e indiscreto secretário BROUSSON. Mas pouca gente conhece, na íntegra, esse discurso, que, ao contrário de tantos outros por ele proferidos, não encontrou o caminho das antologias.

Isto, a nosso ver, aconteceu por ter sido ele escrito originariamente em francês, e não haver, até agora, uma tradução fiel cuidada do seu texto, já que a única conhecida — de ERNESTO CARNEIRO RIBEIRO FILHO — em muitos trechos se afasta do original, permitindo-se o tradutor fazer verdadeiras paráfrases do pensamento de RUI.

Na tradução que ora divulgamos, o original foi rigorosamente respeitado. E para possibilitar ao leitor o confronto dos textos, são eles estampados lado a lado.

Precede a tradução uma ligeira *Introdução*, da lavra, também, de SÉRGIO PACHÁ, onde este procura situar ANATOLE FRANCE na paisagem e no

meio social do Rio de 1909, e analisa a saudação que lhe fez RUI BARBOSA, no velho prédio do Silogeu Brasileiro, no Passeio Público, sede, então, da Academia Brasileira.

Em apêndice, são reproduzidos vários documentos relacionados com o assunto, inclusive o ataque feroz a JEAN-JACQUES BROUSSON, feito por um certo Sr. JACQUES TOURNEBROCHE, a propósito do seu irreverente *Itinéraire de Paris à Buenos-Ayres*. Esse artigo de 1928, até hoje, que nos conste, não reeditado, só pôde ser localizado, na coleção do *Jornal do Comércio*, graças à memória prodigiosa de AMÉRICO JACOBINA LACOMBE. E é, de fato, curioso, em primeiro lugar porque, sob o pseudônimo de JACQUES TOURNEBROCHE, se escondia BATISTA PEREIRA, genro de RUI e, em segundo, por ser provavelmente a última manifestação daquela idolatria por ANATOLE FRANCE, a que de início nos referimos. Escrito num francês impecável, e até rebuscado, achamos que não cabia traduzi-lo, pois a graça dele não está apenas no que diz do desabusado secretário, mas também, e sobretudo, na forma por que o faz.

Com esta publicação, acreditamos prestar um serviço ao melhor conhecimento da obra de RUI, contribuindo, igualmente, para fixar um momento marcante da vida literária do Brasil.

Rio de Janeiro, setembro de 1979.

HOMERO SENNA

Diretor do Centro de Pesquisas

Introdução

O Rio de Janeiro do princípio deste século tinha fumos de metrópole à européia. Abrira-se a Avenida. Erguiam-se construções, algumas suntuosas, de cinco e mais andares. Pioneiros, precários, fonfonavam os primeiros automóveis. E à determinação de PEREIRA PASSOS de dotar a capital, recém-liberta da febre amarela, de um traçado urbanístico moderno, correspondia, no Itamarati, o empenho do BARÃO DO RIO BRANCO em prestigiar visitas de estrangeiros ilustres que, de volta a seus países, testemunhassem da latinidade pujante destas plagas. "O Rio civiliza-se", apregoava certo cronista de frivolidades. E o Rio, acreditando, imitava Paris.

Era, pois, de esperar que, a 17 de maio de 1909, a breve escala carioca de ANATOLE FRANCE, a caminho de Buenos Aires, revolvesse a nossa *belle époque* tropical. Mal chegado, exalta-o o JOSÉ VERÍSSIMO na primeira página do *Jornal do Comércio*. Acadêmicos, entre os quais o mesmo VERÍSSIMO, RODRIGO OTÁVIO e JACEGUAI, vão buscá-lo, bem cedo, a bordo do *Amazon*. Passeiam-no. Fazem-se fotografar ao lado dele. No Hotel dos Estrangeiros, oferecem-lhe um *petit déjeuner*. E levam-no à Praia da Lapa, para a matinal homenagem da Academia Brasileira. Saudá-lo-á o presidente da casa, RUI BARBOSA.

Desde julho de 1905 ocupava a Academia a ala direita da Silogeu Brasileiro, de frente para o Passeio Público. "Teto modesto, que não vos lembrará a cúpula nem a filha de RICHELIEU", dirá RUI, dirigindo-se ao hóspede ilustre. "Sala banal, [...] semelhante a uma escola. Pelas janelas entra uma luz imperiosa, que ofusca nossos olhos ocidentais, e

a zoadá de um quintal vizinho, onde abundam marrecos", segundo BROUSSON, O secretário que acompanha ANATOLE FRANCE.¹

A sala não está cheia. Dos quarenta acadêmicos, apenas quatorze compareceram.² Mas entre os assistentes figuram nomes como PEDRO LESSA, MIGUEL COUTO, JULIANO MOREIRA, ALUÍSIO DE CASTRO, FERNANDO DE MAGALHÃES, OSVALDO CRUZ. Lá estão o cônsul francês e outros compatriotas do grande romancista. E, primeiro que chegou à Academia, o jovem HOMERO PIRES, estudante de Direito e admirador *enragé* de RUI BARBOSA.³

Do discurso de RUI já se escreveu que, "sob aparências de adulação e cortesia", foi "o mais agudo e pérfido requisitório jamais pronunciado contra ANATOLE FRANCE".⁴ Não é verdade. Nem tampouco o será este juízo malicioso de BROUSSON: "Il (RUI BARBOSA) accable Anatole France de Couronnes. Mais, aux lauriers et aux roses, il mêle quelques orties. Il loue la pureté du style. Il blâme l'impureté du fond."⁵ RUI BARBOSA não se põe como antagonista do criador de Jérôme Coignard. Dele diverge, claro está, quanto a posições filosóficas, políticas, sociais; nem poderia ser de outro modo, consideradas as diversíssimas trajetórias de um e outro temperamento. Mas o faz com tais requintes de delicadeza e engenho, que a mesma expressão da divergência

¹ BROUSSON, Jean-Jacques. *Itinéraire de Paris à Buenos-Ayres*. Paris, Les Éditions G. Crès et Cie, 1928, p. 197.

² Rui Barbosa, Coelho Neto, Filinto de Almeida, Artur Jaceguai, Alberto de Oliveira, Sousa Bandeira, Araripe Júnior, José Veríssimo, Mário de Alencar, Medeiros e Albuquerque, Guimarães Passos, Rodrigo Otávio, Afonso Celso e Silva Ramos.

³ V. Apêndice II.

⁴ SIMON, Michel. *Ruy*. Avec un message de Paul Claudel. Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 1949, p. 135.

⁵ BROUSSON, Jean-Jacques, *ob. cit.*, p. 196.

minora-se em novos e bem fundados encômios: "Da altura de vossa obra tem-se a vista de todos os problemas que interessam a inteligência humana; e, ainda que não vos proponhais resolvê-los, ou vossas soluções nos desagradem, vossas denegações, vossas heresias, até vossas reticências são das que elevam o debate e estimulam o pensamento." Ou, então: "... a vossa filosofia não é, propriamente, a vossa força. Vossa força, o império de vossa vocação consiste no encanto e na nobreza dessa arte inimitável, imarcescível, de que hoje, em França, mais do que ninguém, detendes o segredo miraculoso. É aí que se encontra a essência do vosso pensamento, numa transparência luminosa como o leito verde de nossas praias sob as vagas dormentes." É só ter olhos de ver: RUI não exalça o artista para melhor deprimir o grande cético, o panfletário anticlerical, o militante socialista, com cujas idéias não pode comungar sem, *ipso facto*, deixar de ser RUI BARBOSA. Leu-lhe os livros. Sublinhou-os. Anotou-lhes as margens. É por admirar-lhe a mestria soberana que, num francês de todo em todo digno dos mais ricos labores do ourives de *Villa Saïd*, RUI BARBOSA faz o elogio de ANATOLE FRANCE.

E este foi o primeiro a reconhecê-lo e proclamá-lo. Quase dois anos depois desta manhã de maio, o romancista francês oferecerá a ALFREDO PUJOL, de regresso da Europa, um exemplar ricamente impresso da saudação de RUI, ao qual terá apostado as seguintes palavras:

Ce discours de l'illustre Ruy Barbosa, qui m'a salué sur la terre généreuse du Brésil, me flatte et m'honore. Le président de l'académie brésilienne m'a parlé dans le language français le plus noble et le plus pur.

J'aurais souhaité peut-être que Ruy Barbosa approuvât un peu moins la forme dans laquelle j'ai mis mes idées et un peu plus les idées elles-mêmes. Je me flatte toutefois d'avoir en

commun avec ce grand esprit et ce grand citoyen l'amour de la liberté.⁶

Serviu de base a esta tradução o texto da *plaque* editada em 1909 pela Imprensa Nacional, no Rio de Janeiro. O manuscrito, curiosamente, não se encontra no arquivo da FCRB. Verteu-se para o português o nome das obras, conservando-se o das personagens na língua original.

Rio de Janeiro, na Casa de Rui Barbosa, abril de 1979

SERGIO PACHÁ

⁶ V. Apêndice III.

Discurso de Rui Barbosa

M. ANATOLE FRANCE:

Mon courage serait inconcevable, si j'avais eu la liberté du choix, en acceptant la mission de vous adresser la parole en français devant cet auditoire. La langue des affaires, dont j'ai eu à me servir, par la force du métier, pendant une carrière diplomatique de quelques mois, dans un milieu très éminent, sans doute, mais pas fort difficile en matière d'art, n'est pas précisément l'instrument littéraire qu'il me faudrait ici, pour vous entretenir des sentiments de mes collègues et de nos compatriotes sur votre compte, dans un cercle de gens de lettres, où, d'ailleurs, je ne me trouve que par un excès de complaisance ou par un caprice de la gentillesse de ceux qui m'environnent. Il est bien plus aisé, certainement, de faire une pointe sur la diplomatie que d'empiéter sur ce domaine des élus, ou vous exercez, M. ANATOLE FRANCE, l'autorité formidable d'un modèle sans tache.

Dans la correspondance de FRÉDÉRIC LE GRAND avec VOLTAIRE, qui est en train de se publier en Allemagne, on voit que le monarque prussien, écrivant des vers français pour faire la cour au poète de Cirey, s'excusait un jour de cette outrecuidance, en lui disant: "Je vous répons en bégayant dans une langue qu'il n'appartient qu'aux dieux et aux Voltaires de parler". Cette langue de VOLTAIRE, que vous écrivez aussi naturellement qu'un homme de son siècle, avec pas moins de goût et plus de couleur, c'est un délice que de l'écouter, lorsqu'elle chante sous la plume des maîtres, c'est un plaisir que de s'y essayer dans la causerie, mais c'est une frayeur à glacer que d'avoir à s'y exprimer en public, du haut d'un fauteuil présidentiel, avec les responsabilités d'une académie et la charge de recevoir le prince de la prose française.

Tout académicien que vous êtes, vous avez été quelque part tant soit peu sévère à l'égard des académies, dans vos louanges aux naturels des îles de Fidji, où c'est l'usage, dans les familles, de tuer leurs parents quand ils sont vieux, pour mettre une limite à ce penchant ou à cette habitude, qui porte les vieillards à tenir beaucoup trop à leurs idées. D'après vous, ils facilitent ainsi l'évolution, tandis que nous en retardons la marche en faisant des académies. Je n'ose vous assurer, M. ANATOLE FRANCE, que ce ne soit pas une expiation de cette petite médisance l'épreuve que vous subissez dans ce moment. On y pourrait soupçonner une ingénieuse vengeance d'académie, déguisant sous des fleurs l'idée bizarre d'envoyer en orateur au plus aimable des sceptiques un de ces vieillards tenaces, qui n'auraient pas trouvé grâce devant ces bons fidjiens, et au plus élégant joaillier de la prose française un mauvais barbouilleur de votre bel idiome.

Me voici déjà bien loin, avec ce long préambule, des règles du bon goût et de la convenance. Mais ce n'est pas à moi la faute, si j'y manque, avec la conscience d'y manquer. Vous me ferez à coup sûr, M. ANATOLE FRANCE, la part de mes difficultés, en acceptant cet aveu de mon impuissance, cet acte d'obéissance et d'humilité, comme le premier de mes hommages.

Le rapide passage que vous faites ici ne nous accorde que des heures de votre présence chez nous. Ainsi il n'y a que des moments dont nous puissions profiter, pour vous recevoir en hôte sous ce toit modeste, qui ne vous rappellera point la coupole ou la fille de Richelieu, et n'aurait pas défrayé le blâme de Jacques Tournebroche ou l'apologie de Jérôme Coignard. Heureusement pour nous tous qu'il ne m'incombe pas de vous présenter au public, ou de lui dire à votre sujet quoi que ce soit de nouveau. Ce ne serait nullement possible. Vous êtes tout à fait des nôtres, des plus connus et des plus intimes à notre société. Dans votre tour aux rives de La Plata, où vous allez révéler à la curiosité sud-américaine quelques veines précieuses de la mine de Rabelais, entrevues par un mineur qui s'y connaît finement, vous vous trouverez

au milieu d'une civilisation luxuriante et pleine d'avenir. Mais vous n'y rencontrerez nulle part, dans cette nouvelle Europe, où le niveau intellectuel est des plus hauts, vous n'y rencontrerez pas une culture, chez laquelle votre célébrité et vos écrits soient plus familiers que parmi nos intellectuels.

Nous avons parcouru sans cesse toute la gamme infinie de vos enchantements, depuis les *Noces Corynthes* et *La Vie Littéraire* jusqu'à *L'Île des Pingouins*. Oh! que j'aimerais à y revenir maintenant en votre compagnie! Mais le temps presse et m'entraîne. Laissons donc le *Jardin d'Épicure*; *Thaïs*, avec ses anachorètes pieux du temps où s'accomplissait la parole du prophète: "Le désert se couvrira de fleurs"; *Balthazar* à l'âme simple, qui cherchait la vérité et avait découvert une étoile nouvelle dans le ciel; cet angélique *Sylvestre Bonnard*, qui ne prend au feu que la place laissée par Hamilcar couché en rond sur son coussin de plumes, le nez entre ses pattes. Vous rappelez-vous le tableau de cette intimité? "Un souffle égal soulevait sa fourrure épaisse et légère. À mon approche il coula doucement ses prunelles d'agate entre ses paupières mi-closes, qu'il referma presque aussitôt, en songeant: 'Ce n'est rien, c'est mon ami'."

La Rôtisserie de la Reine Pédauque? On ne peut pas s'y rendre, sans y revenir maintes fois, comme un client de la maison. L'impiété n'y est pas contagieuse. On l'y sent comme une subtilité vague et flottante, qui n'empoisonne pas l'assistance, ainsi que les vapeurs d'un cigare d'élite, tout en en répandant l'arome, n'en laissent pas des traces que dans les poumons du fumeur. Qui pourrait jamais oublier Jérôme Coignard, M. d'Astarac et la Famille Tournebroche? L'issue en est triste, comme celle de toutes les choses humaines. On en garde, comme un parfum de souvenir, l'impression de la dernière visite. "L'air était embaumé d'herbes et plein du chant des grillons. La belle nuit!" L'abbé avait rendu l'âme. Son éditeur le tient pour "le plus gentil esprit qui ait jamais fleuri sur la terre". On ne pourrait mieux dire de l'esprit de M. ANATOLE FRANCE.

Nous nous sommes assis sous *L'Orme du Mail*, sur ce banc où l'on faisait, dans une ville de province, la politique du pays; et depuis lors nous avons lié connaissance avec toute cette société de fonctionnaires et de magistrats, de dames et de gens d'église, qui fait votre roman de *L'Histoire Contemporaine*, dans *Le Mannequin d'Osier*, *L'Anneau d'Améthyste* et *Monsieur Bergeret à Paris*.

Il n'y manque jamais de science, d'observation, d'intérêt. La sévérité, cependant, en est parfois éffrayante, mais presque toujours d'une humeur aimable, quoique avec un grain d'amertume. Et puis *L'Étui de Nacre*, et *Pierre Nozière*, et *Crainquebille* et d'autres. J'en passe, et des meilleurs. Il faut s'arrêter. Votre œuvre coule de source; elle est intarissable. La pensée en déborde à plein, comme d'une vasque de fraîcheur, en onde calme et limpide, quelquefois azurée et opaline, souvent grise et mélancolique, au gré des cieux et des nuages qu'elle reflète, rarement gonflée, jamais trouble.

On s'émerveille de la finesse de votre analyse. Votre scalpel étincelle. L'anatomie que vous pratiquez, abonde en surprises. Vous maniez votre microscope avec l'adresse des investigateurs les plus rares. Dans les laboratoires d'histologie sociale on ne vous trouverait, peut-être, un rival. Il n'y a rien, de la cellule, du tissu nerveux, de la substance organique des faits humains, qui échappe à votre coup d'œil génial. C'est partout un sans nombre de miniatures étonnantes de vérité partielle et circonscrite.

On dirait le détail, le relief et la précision de l'art flammand, mais avec la légèreté, le sourire, le jour de votre atmosphère. Et aussi, parfois, de loin en loin, sous des traînées lumineuses, de grands tableaux, qui par leur vigueur et par leur coloris deviennent de véritables obsessions pour la mémoire du spectateur, le suivent hors de la galerie et lui hantent le sommeil. Que de réalité, quelle puissance, quelle vie dans ces créations indélébiles! Ce n'est pour vous quelquefois qu'un coup de baguette, des miracles sans effort, des fleurs de jouissance intellectuelle que l'on dirait poussées à l'abandon. Vos

bagatelles même sont des bijoux. Il y a des évocations de votre pinceau, qui ne vous coûtent qu'un instant. Il nous arrive de les rencontrer de temps à autre, à l'improviste, au milieu d'un fouillis d'étrangetés et de paradoxes, comme des choses vivantes. On ne peut que vous pardonner tous les péchés de votre âme payenne comme celle des chrétiens de la Renaissance, lorsqu'on voit jaillir de votre palette ces prodiges d'inspiration créatrice. Je n'ai jamais pu oublier ce vieillard hirsute et robuste qui, dans *Le Puits de Sainte Claire*, après avoir fixé le ciel à travers le feuillage, en souriant, arrêta sur Fra Mino un regard ingénu. "Dans les rides profondes de son visage, ses yeux bleus et limpides brillaient comme l'eau d'une source entre l'écorce des chênes." Qu'est-ce qui manque à cette apparition, pour qu'elle nous parle? Y a-t-il rien de plus saisissant dans la peinture, rien de plus achevé dans l'expression, de plus puissant dans la plastique?

Ce serait assez pour emplir une toile magnifique, dans l'atelier d'un maître d'Italie. Et cependant ça n'a été pour vous qu'un bref épisode, l'affaire de quelques mots. C'est la gloire de la parole humaine que de peindre continuellement, instantanément, où qu'elle se pose, comme le soleil, dont les musées ne comporteraient pas les tableaux, par cela même qu'ils sont innombrables et fuyants dans leur inénarrable beauté.

Mais, ne m'en veuillez pas de vous le dire, on peut ne pas éprouver la même admiration et les mêmes sympathies pour les inductions, pour les généralisations, pour les synthèses de la philosophie de quelques personnages de vos merveilleux romans. Je ne dis pas de la vôtre; car elle n'est pas mince la distance entre la bonhomie optimiste de l'abbé Jérôme Coignard et l'acérbe misanthropie de M. Bergeret dans *Le Mannequin d'Osier*. J'aime plutôt la souriante indulgence de cet abbé, grand pécheur, mais cœur plein de bonté, dont vous avez "recueilli avec zèle les propos", le long de ses jours, tout remplis d'idées et de rêve. Il "répandit sans solennité les trésors de son intelligence"; et, s'il a subtilisé, toute sa vie durant, sur le bien et sur le

mal, la mort en est sainte et belle, par le pardon et par l'humilité qu'il porte sur les lèvres en expirant. La légère ironie qui se répand sur toute son existence, et en teint encore la fin, ne ressemble aucunement à cet aigre pessimisme, qui définit la vie sur notre planète comme une "lèpre". "Mon dictionnaire est plein d'erreurs", disait M. Bergeret. "Amélie contient une âme injurieuse dans un corps épaissi. C'est pourquoi il n'y a guère à espérer qu'une éternité nouvelle crée enfin la science et la beauté". M. Bergeret avait mis les extrémités de l'axe de notre destin dans son dictionnaire et dans sa femme. Ni l'un ni l'autre n'ont répondu à son mérite. Mais ça ne prouverait pas ni l'universalité du mal, ni l'éternité de l'injustice. Autour du malheur et de la souffrance, qui ont une si grande part dans notre lot, il y a un rayonnement de joie, qui enveloppe les choses et les âmes, en nous donnant à savourer le bonheur de vivre. On ne peut pas s'y soustraire, en voyant la magnificence de l'univers, en rencontrant la bonté, en éprouvant l'amour, en se sentant caressé par la douceur ambiante des choses. C'est bon de vivre, quand on croit, quand on espère, quand on fait le bien, quand on s'éprend de la beauté dans les œuvres de ses grands interprètes, dont vous êtes, M. ANATOLE FRANCE, un des plus exquis et des plus séduisants.

Si M. Bergeret vous avait lu, il ne regretterait pas les fautes de son dictionnaire, dont vous n'avez point eu besoin, pour composer des chef-d'œuvres de style et de langage sans reproche. L'angoisse de son infortune domestique lui voila le sens de la réalité autour de lui même, dans cet honnête pays de France, où les tares de la politique, de la civilisation, de l'ordre social ne sont pas venues à bout de tuer l'amour, la fidélité et l'honneur.

Notre dernier président, le principal fondateur de cette Académie, dont vous avez eu la bonté de prononcer le nom à Paris avec estime, avait été conçu, nous semble-t-il, sous la prédestination de la souffrance. On le dirait né pour la douleur. Sa femme, cependant, l'en a préservé, en lui faisant de sa tendresse et de son dévouement un abri

tranquille, qui l'entoura d'affection toute sa vie. Il était aussi un philologue et pratiquait la philosophie. Mais il se consola bien de n'avoir même pu commencer notre dictionnaire, en écrivant des livres, qui en tiendront lieu avec avantage, pour ceux qui voudront boire notre idiome dans une source vivante.

Votre œuvre littéraire s'est mêlée beaucoup de la politique. C'était bien naturel de s'y faire des ennemis. La politique, tout le mal que l'on en dise, ne remplira jamais la mesure de la réalité. Moi, je suis un de ses détracteurs convaincus. Mais je ne vous brouillerai pas avec les gens d'esprit combattant chez nous, en leur racontant les opinions hétérodoxes de vos personnages.

Il ne faut pas leur déceler que ces messieurs voient dans le suffrage universel un attrappe-nigaud et dans le gouvernement populaire un système de fictions et d'expédients. Je ne dirai pas que vous ayez tort. Mais notre ami l'abbé Coignard ne serait pas si dur à certains égards, s'il n'avait l'habitude vulgaire de la rôtisserie. C'est pourquoi il soutient que "les ministres ne sont considérables que par leur habit et leur carrosse". C'est pourquoi il vante la sagesse de la vieille de Syracuse, dont l'expérience lui enseignait que le plus détestable des tyrans est toujours plus désirable que son successeur. C'est pourquoi après Dubois et Fleury il redoute le gouvernement de Jean Hibou. C'est pourquoi il pense que "les gouvernements despotiques ne sont que l'enveloppe des peuples imbéciles". Je suis sûr, M. ANATOLE FRANCE, que vous n'avez étalé ces théories scandaleuses de cet étrange abbé que comme des erreurs fatales, inspirées à un prêtre égaré par l'esprit de sédition.

Il avait néanmoins dans son fond l'étoffe d'un politique achevé, cet abbé de province. De ce côté et de celui de l'esprit, il récelait en lui du DE RETZ et du TALLEYRAND de bonne souche. L'Église a été toujours fertile en diplomates accomplis et en connaisseurs d'hommes. C'est pour ça, je m'imagine, que le gentil oracle de *La Rôtisserie de la Reine Pédauque* a laissé dans ses conversations des choses dignes du

bréviaire de l'homme d'État. Il a eu l'intuition de cette science d'une manière pénétrante, dans ce qu'elle a de plus fin, de plus intime et de plus réel: le sentiment de l'infériorité nécessaire des personnalités gouvernantes. "Un gouvernement qui, sortant de la médiocre et commune honnêteté, scandalise les peuples, doit être déposé", nous dit-il. C'est parler d'or; et ce fut bien dommage de voir finir dans un coin inconnu l'âme d'où se deversaient volontiers, "dans la grâce et la paix", des conseils aussi salutaires aux institutions conservatrices.

Il était la tolérance même et la transaction en personne. Et c'est dire qu'il était né politique. "J'absous volontiers les fripons", avouait-il tout bonnement, "et même je ne garde pas rancune aux gens de bien." Voici enfin la perle des leçons de choses dans l'art d'être poli, qui n'est pas certes, oh! non, celle, éminemment politique, de flatter: "Apprenant qu'un de ses chanoines était au plus mal, l'évêque de Séez l'alla voir dans sa chambre et le trouva à toute extrémité: — Hélas! dit le chanoine; je demande pardon à Votre Grandeur d'être obligé de mourir devant elle. — Faites, faites! Ne vous gênez point — répondit monseigneur avec bonté." Mais débarrassons-nous de ce sujet. Vous l'avez embelli; mais il n'est pas gentil.

Politique, morale, philosophie, tout ce qui subit l'influence de votre plume, reçoit l'empreinte de votre originalité. C'est elle qui a parsemé de fleurs d'élégance les pages de vos livres. Voilà comment l'incompatibilité de votre distinction naturelle avec le vulgaire vous attire au paradoxe, un de ces raffinements d'artiste, qui s'égrènent en scintillant sous vos doigts, insignes dans la magie littéraire. Dans la féerie de nos régions tropicales, chez la famille excentrique des orchidées, qui peuplent de phantasie l'ombre silencieuse de nos forêts, l'on rencontre de même l'aristocratie du paradoxe embaumé, le royaume fleuri de l'absurde, sous des formes étranges, d'une invention imprévue et ravissante. Érudite, humaniste, bouquineur, vous aimez le rare de ces émaux, de ces camées, de ces gemmes exotiques. Je ne

vous en blâme pas. C'est souvent un péché d'une saveur voluptueuse. Les natures grossières en sont incapables.

Je ne cherche pas en vous le moraliste ou le sociologue. C'est plutôt sur l'art immortel que vous régnerez. Ce n'est pas à dire que vos spéculations scientifiques jurent avec l'ordre ou la morale. Tout simplement celles-ci ne sont pas leur affaire. De la hauteur de votre œuvre il y a des horizons sur tous les problèmes qui intéressent l'intelligence humaine; et, si vous ne vous proposez pas à les résoudre, ou si vos solutions nous déplaisent, vos dénégations, vos hérésies, vos réticences même sont de celles qui élèvent le débat et stimulent la pensée. Mais ce n'est pas là, certes, la sphère de votre vocation. Une splendide, une radieuse fleuraison d'art, un ineffable épanouissement de formes irréprochables, voilà ce que c'est que votre œuvre, finement délicate. Dans ce domaine de la beauté terrestre on ne détrône pas de leur Olympe les dieux de la gentilité. PHIDIAS fait bonne compagnie à MICHEL ANGE.

Du reste, même sous les mouvements les plus rebelles de votre incrédulité il s'ouvre des percées d'une douce lumière, qui sourient à l'âme des croyants, des traits d'innocence, de bonté, ou d'expiation dans les chûtes les plus sombres. Vous souvenez-vous de ce religieux des thébaïdes de la vallée du Nil, possédé "d'orgueil, de luxure et de doute"? Il renia DIEU et le ciel, enlaçant dans ses bras le corps de Thais mourante. Mais, alors que les paupières de la malheureuse se fermèrent pour toujours, tandis que les vierges entonnaient le cantique sacré, la face du moine s'était faite noire et difforme comme son cœur. "Il était devenu si hideux qu'en passant la main sur son visage, il sentit sa laideur." Dans votre *Histoire Comique* vous en avez mis vous même la moralité dans ce gémissement final de Félicie Nanteuil: "Qu'est-ce que ça fait que je sois une grande artiste, si je ne suis pas heureuse?"

D'ailleurs, si votre œuvre est imbibée d'ironie, elle ne l'est pas moins de pitié: à côté de l'ironie "douce et bienveillante", qui "nous fait la vie aimable", la pitié, qui, en pleurant, "nous la rend sacrée". On ne

saurait être méchant avec cette philosophie tempérée de commisération et de bonne humeur.

Dans votre production ondoyante et diverse, parmi tant de figures animées de votre haleine, il serait bien malaisé de reconnaître celle qui dessine le plus votre image intérieure. Me permettez-vous, pourtant, la témérité d'une conjecture? C'est dans ce type de Jérôme Coignard, un Prothée d'esprit tel que vous même, que l'on croirait voir passer le plus fréquemment votre silhouette intime, ou le reflet de ce disque serein, dont la lueur irise doucement vos écrits de nuances harmonieuses. Ce subtiliseur, aussi habile à éffleurer les choses qu'à les approfondir, ce professeur de nonchalance et d'à-propos, d'extravagance et de raison, dont la langue parle de fois à autre comme l'Ecclésiaste, disait un jour à son cher élève. Tournebroche: "Rien n'étonne l'audace de ma pensée. Mais prenez bien garde, mon fils, à ce que je vais vous dire. Les vérités découvertes par l'intelligence demeurent stériles. Le cœur est seul capable de féconder ses rêves. Il verse la vie dans tout ce qu'il aime. C'est par le sentiment que les semences du bien sont jetées sur le monde. La raison n'a point tant de vertu. Et je vous confesse que j'ai été jusqu'ici trop raisonnable dans la critique des lois et des mœurs. Aussi cette critique va-t-elle tomber sans fruits et se sécher comme un arbre brulé par la gelée d'Avril. Il faut, pour servir les hommes, rejeter toute raison, comme un bagage embarrassant et s'élever sur les ailes de l'enthousiasme. Si l'on raisonne, on ne s'envolera jamais." Les *Opinions* de ce sage finissent par la vibration de cet hymne au cœur et à l'enthousiasme. Et voilà comment votre scepticisme s'élance vers l'idéal, en s'appuyant sur les ressorts les plus puissants de la vie. N'est-ce pas, du moins ici, la philosophie la plus humainement vraie?

Mais votre philosophie n'est pas bien et beau votre force. Votre force, l'empire de votre vocation, consiste dans le charme et la noblesse de cet art inimitable, immarcessible, dont vous possédez en France, aujourd'hui, plus que personne le secret miraculeux. C'est là que se trouve l'essence de votre pensée, dans une transparence lumineuse

comme le lit vert de nos plages sous les vagues dormantes. Ceux qui s'éloignent le plus de vos idées morales, s'éblouissent tout de même de l'ampleur, de la pureté, de l'harmonie de votre forme, dont la mesure et la correction nous rappellent souvent les marbres immaculés. Or la forme, dans l'idéalité de ses lignes, c'est presque toujours ce qui reste de la pensée, comme une amphore ancienne d'une essence perdue. Vos ouvrages nous élèvent souvent à la sensation de la beauté parfaite, qui n'est pas tout à fait le vrai et le bien, mais qui en est un élément adorable. Fait tout simplement de clarté et d'esprit, votre style, d'un cristal fluide, frappé toujours d'un rayon de soleil, s'épanche et se meut, dans la langue de RABELAIS et de MONTAIGNE, de VOLTAIRE et de PASCAL, de SÉVIGNÉ et de RENAN, avec l'aisance de vos grands devanciers, de ces ancêtres impérissables. Maître de l'expression littéraire, arbitre de la grâce et du bon goût, vous avez droit, entre tous, aux hommages des hommes de lettres.

Ces hommages, l'Académie Brésilienne vient vous les rendre bien émue, prise qu'elle est aux charmes du contact de l'enchanteur, dont il lui est donné aujourd'hui de serrer la main et d'écouter la parole.

Nous tenons aussi à vous remercier vivement de votre haute bienveillance envers l'intellectualité brésilienne, en présidant, à Paris, la séance consacrée à la mémoire de notre illustre et regretté maître MACHADO DE ASSIS.

C'est encore avec la plus sincère effusion d'âme et la reconnaissance la plus profonde que nous venons vous exprimer à quel point nous sommes sensibles à l'honneur de votre visite. Nous en sommes touchés comme d'une distinction royale. Toute cette maison rayonne de bonheur. L'humble toit s'en souviendra longtemps. Votre présence ici nous donne à sentir vivante, à notre côté, la splendeur solaire de cette grande France, qui a été la mère intellectuelle à nous tous, les peuples de cette race, et au sujet de laquelle on a pu écrire sans excès d'apologie: "Tant qu'elle existera, il en émanera de la lumière." Et c'est tout dire. Ce serait inutile d'y insister davantage, pour

vous traduire une fois de plus l'admiration et le ravissement de ceux qui dans ce pays se sont habitués à vous suivre.

Nous voyons en vous, dans ce moment, l'incarnation même de ce génie latin, dont vous avez redit l'autre jour la gloire; de ce génie latin dont les ailes, s'étendant du côté de l'avenir, abritent la partie la plus glorieuse de votre continent et la plus grande partie du nôtre. Si vous revenez un jour sous ce climat, qui n'est pas hostile, vous le sentez bien, vous écouterez alors des voix plus dignes de vous: celles de nos écrivains, de nos orateurs, de nos poètes. Mais, si nos souhaits ne doivent pas être exaucés; si vous ne revenez jamais chez nous, nous espérons, tout au moins, qu'en racontant un jour en Europe les merveilles de notre nature, vous pourrez y ajouter quelques mots d'un bon témoignage à l'égard de notre civilisation.

Senhor ANATOLE FRANCE:

Minha coragem seria inconcebível, se eu tivesse tido a liberdade de escolha, ao aceitar a missão de vos dirigir a palavra em francês diante deste auditório. A língua dos negócios, de que tive de me servir por força do ofício, durante uma carreira diplomática de alguns meses, num meio muito eminente, decerto, mas não dos mais exigentes em matéria de arte, não é exatamente o instrumento literário de que eu precisaria aqui, para falar-vos dos sentimentos dos meus colegas e dos nossos compatriotas a vosso respeito, num círculo de homens de letras, no qual, aliás, só estou pela excessiva complacência, ou por um capricho da gentileza dos que me cercam. Bem mais fácil, sem dúvida, é enveredar momentaneamente na diplomacia, do que invadir esse domínio dos eleitos, onde exerceis, Senhor ANATOLE FRANCE, a autoridade formidável de um modelo sem mácula.

Na correspondência de FREDERICO, o GRANDE, e VOLTAIRE, que se está agora a publicar na Alemanha, vê-se que o monarca prussiano, escrevendo versos franceses para cortejar o poeta de Cirey, desculpava-se, um dia, dessa presunção, dizendo-lhe: "Respondo-vos gaguejando numa língua que somente aos deuses e aos Voltaires é dado falar." Esta língua de VOLTAIRE que escreveis tão naturalmente quanto um homem do século dele, com um gosto não menor, e com mais colorido, é uma delícia ouvi-la, quando canta sob a pena dos mestres, é um prazer exercitá-la em conversa, mas é um pavor de enregelar ter alguém de nela se exprimir em público, do alto de uma cadeira presidencial, com as responsabilidades de uma academia e o encargo de receber o príncipe da prosa francesa.

Acadêmico embora, fostes algures um pouco severo a respeito das academias, em vossos louvores aos nativos das ilhas de Fidji, onde é costume, nas famílias, matar os pais, quando velhos, a fim de pôr cobro a essa tendência ou hábito que faz com que os velhos se aferrem às próprias idéias. Na vossa opinião, assim fazendo, eles facilitam a evolução, ao passo que nós retardamos-lhe a marcha, ao criar as academias. Não ousaria afirmar-vos, Senhor ANATOLE FRANCE, que a provação que neste momento sofreis não seja uma expiação dessa pequena maledicência. Poder-se-ia suspeitar de uma engenhosa vingança acadêmica, disfarçando atrás das flores a idéia extravagante de enviar como orador, ao mais amável dos céticos, um desses velhos tenazes, que não seria poupado por aqueles bons fidjianos, e ao mais elegante joalheiro da prosa francesa um mau escrevinhador do vosso belo idioma.

Já bem longe me vejo, com este alongado preâmbulo, das regras do bom gosto e da conveniência. Mas não é culpa minha, se a elas faltou, consciente de a elas faltar. Certamente, Senhor ANATOLE FRANCE, haveis de levar em conta as minhas dificuldades, aceitando esta confissão da minha fraqueza, este ato de obediência e de humildade, como a primeira das minhas homenagens.

Vossa rápida passagem por aqui não nos concede senão algumas horas de vossa presença entre nós. Deste modo, só nos podemos aproveitar de alguns momentos para receber-vos como hóspede sob este teto modesto, que não vos lembrará a cúpula nem a filha de Richelieu, e não teria merecido a reprovação de Jacques Tournebroche ou a apologia de Jérôme Coignard. Felizmente para todos, não me incumbe apresentar-vos ao público, nem dizer-lhe, a vosso respeito, o que quer que seja de novo. Isto de modo algum seria possível. Sois, de todo em todo, dos nossos, dos mais conhecidos e mais íntimos de nossa sociedade. Em vossa excursão às margens do Prata, onde ides revelar à curiosidade sul-americana alguns veios preciosos da mina de Rabelais, entrevistados por um minerador finamente entendido, estareis no meio de

uma civilização luxuriante e cheia de porvir. Mas em parte alguma, naquela nova Europa, onde é dos mais altos o nível intelectual, encontrareis uma cultura à qual vossa celebridade e vossos escritos sejam mais familiares do que aos nossos intelectuais.

Sem cessar percorremos toda a gama infinita dos vossos sortilégios, desde *As Bodas Coríntias* e *A Vida Literária*, até *A Ilha dos Pingüins*. Oh! Quanto não gostaria eu de a eles voltar agora em vossa companhia! Mas o tempo urge e me arrasta. Deixemos, pois, *O Jardim de Epicuro*; *Thaïs*, com seus piedosos anacoretas do tempo em que se cumpria a palavra do profeta: "Cobrir-se-á o deserto de flores"; *Balthasar*, de alma simples, que buscava a verdade e descobrira no céu uma estrela nova; e aquele angélico *Sylvestre Bonnard*, que, ao pé do fogo, não ocupa senão o lugar deixado por Hamilcar, enroscado sobre o coxim de penas, o nariz entre as patas. Recordai-vos do quadro dessa intimidade? "Uma respiração igual soerguia-lhe a pelugem espessa e leve. Ao me aproximar, ele insinuou devagarinho as pupilas de ágata entre as pálpebras semicerradas, que logo depois voltou a fechar, pensando: 'Não foi nada, é meu amigo'.

E A "*Rôtisserie*" da Rainha Pédauque? Não é possível lá ir sem voltar, muitas vezes, como freguês da casa. A impiedade, ali, não é contagiosa. É sentida, antes, qual vaga e flutuante sutileza que não envenena os circunstantes, assim como a fumaça de um charuto finíssimo, ao mesmo tempo que lhe dispersa o aroma, dele só deixa marcas nos pulmões dos fumantes. Quem jamais poderá esquecer Jérôme Coignard, o Sr. d'Astarac e a família Tournebroche? O desfecho é triste, como o de todas as coisas humanas. Guarda-se, como um perfume de lembrança, a impressão da última visita. "O ar estava embalsamado pelas ervas e repleto do canto dos grilos. Que bela noite!" O abade expirara. Para seu editor, ele foi "o espírito mais gentil que jamais floresceu sobre a terra". Melhor não se definiria o espírito do Senhor ANATOLE FRANCE.

Assentamo-nos sob *O Olmo do Passeio Público*, naquele banco onde, numa cidade de província, traçava-se a política da região; e, desde então, travamos conhecimento com toda aquela sociedade de funcionários e magistrados, de damas e eclesiásticos, que constitui o vosso romance da *História Contemporânea*, em *O Manequim de Vime*, *O Anel de Ametista* e *O Sr. Bergeret em Paris*. Jamais lhe falta ciência, observação, interesse. Sua severidade, contudo, é, por vezes, assustadora, mas, quase sempre, de humor amável, embora com um grão de amargura. E, depois, *O Estojo de Nácar*, e *Pierre Nozière*, e *Crainquebille*, e outros. Omito nomes, e dos melhores. Cumpre parar. Vossa obra daí flui naturalmente; é inesgotável. Dela o pensamento transborda em abundância, como de um vaso de frescor, em onda calma e límpida, azulada por vezes, e opalina, volta e meia cinza e melancólica, ao sabor dos céus e das nuvens que reflete, raramente túrgida, turva jamais.

É de maravilhar a fineza de vossa análise. Vosso escalpelo cintila. A anatomia que praticais é cheia de surpresas. Manejais vosso microscópio com a destreza dos mais raros investigadores. Nos laboratórios de histologia social não se encontraria, talvez, quem convosco competisse. Nada há na célula, no tecido nervoso, na substância orgânica dos fatos humanos que escape à vossa olhada genial. Por toda a parte é um sem-número de miniaturas assombrosas de verdades parciais e circunscritas.

Dir-se-ia o pormenor, o relevo e a precisão da arte flamenga, mas com a leveza, o sorriso, a luz de vossa atmosfera. E também, às vezes, de longe em longe, sob esteiras luminosas, grandes quadros que, pelo vigor e colorido, se tornam verdadeiras obsessões para a memória do espectador, acompanhando-o fora da galeria e povoando-lhe o sono. Quanta realidade, que poder, que vida nessas criações inesquecíveis! Para vós, às vezes, isto nada mais é que um golpe de varinha de condão, milagres obtidos sem esforço, flores de gozo intelectual, que se diriam nascidas espontaneamente. Até vossas composições ligeiras são

jóias. Vosso pincel tem evocações que só vos custam um instante. Sucede-nos encontrá-las súbito, vez por outra, no meio de uma confusão de estranhezas e paradoxos, como coisas vivas. Não nos resta senão perdoar todos os pecados de vossa alma pagã como a dos cristãos do Renascimento, quando se vê jorrarem de vossa paleta esses prodígios de inspiração criadora. Jamais pude esquecer aquele velho hirsuto e rijo que, n'*O Poço de Santa Clara*, após fitar o céu, através da folhagem, a sorrir descansou, em Fra Mino, um olhar ingênuo. "Nos sulcos profundos de seu rosto, os olhos azuis e límpidos brilhavam como a água de uma fonte entre o córtice dos carvalhos." Que é que falta a esta aparição para que ela nos fale? Algo haverá mais empolgante na pintura, mais acabado na expressão, mais poderoso na plástica?

Seria o bastante para encher uma tela magnífica na oficina de um mestre da Itália. E, contudo, para vós isto não passou de um breve episódio, questão de alguns vocábulos. Esta é a glória da palavra humana: pintar continuamente, instantaneamente, onde quer que se detenha, assim como o sol, cujos quadros não caberiam nos museus, por isso mesmo que são inumeráveis e fugidios em sua inenarrável beleza.

Mas (não me queirais mal se vo-lo digo) pode-se não sentir a mesma admiração e as mesmas simpatias pelas induções, pelas generalizações, pelas sínteses filosóficas de algumas personagens de vossos maravilhosos romances. Não o digo da vossa filosofia; pois não é pequena a distância que vai da bonomia otimista do abade Jérôme Coignard à acerba misantropia do Sr. Bergeret, n'*O Manequim de Vime*. Prefiro a indulgência risonha desse abade, grande pecador, mas coração cheio de bondade, "cujas palavras zelosamente recolhestes", ao longo de seus dias povoados de idéias e de sonho. Ele "esparzia sem solenidade os tesouros de sua inteligência"; e se, ao longo de toda a vida, discorreu sutilmente sobre o bem e o mal, santa e bela é sua morte, pelo perdão e a humildade que, expirando, tem nos lábios. A

leve ironia que se espalha sobre toda a sua vida, e ainda lhe colore o fim, de modo algum se assemelha ao pessimismo acerbo, que define a vida em nosso planeta como uma "lepra". "Meu dicionário está coalhado de erros", dizia o Sr. Bergeret. "Amélia carrega uma alma infamante num corpo embrutecido. Eis por que pouco se pode esperar que uma nova eternidade crie, enfim, a ciência e a beleza." O Sr. Bergeret situara as extremidades do eixo de nosso destino no seu dicionário e na sua mulher. Nem um nem a outra correspondeu ao próprio mérito. Mas isto não provaria nem a universalidade do mal, nem a eternidade da injustiça. Ao redor do infortúnio e do sofrimento, que tão grande papel desempenham no quinhão de cada um, há uma irradiação de júbilo que envolve as coisas e as almas, dando-nos a saborear a alegria de viver. A isto ninguém se pode furtar, vendo a magnificência do universo, encontrando a bondade, experimentando o amor, sentindo-se acarinhado pela doçura ambiente das coisas. Viver é bom a quem crê, a quem espera, a quem faz o bem, a quem se apaixona pela beleza nas obras dos seus grandes intérpretes, entre os quais, Senhor ANATOLE FRANCE, sois um dos mais requintados e sedutores.

Se o Sr. Bergeret vos tivesse lido, não lamentaria as falhas do seu dicionário, do qual não tivestes necessidade para compor obras-primas de estilo e linguagem impecáveis. A angústia de seu infortúnio doméstico velou-lhe o senso da realidade circunstante, naquele honesto país de França, onde as taras da política, da civilização, da ordem social não conseguiram matar o amor, a fidelidade e a honra.

Nosso último presidente, o principal fundador desta Academia, cujo nome, em Paris, tivestes a bondade de pronunciar com apreço, foi gerado, ao que nos parece, sob o signo do sofrimento. Dir-se-ia nascido para a dor. Sua mulher, contudo, dela o preservou, fazendo-lhe de seu carinho e devoção um abrigo tranquilo, que o cercou de afeição por toda a vida. Era também um filólogo e praticava a filosofia. Mas consolou-se de não ter sequer podido começar nosso dicionário,

escrevendo livros que o substituirão vantajosamente, para aqueles que desejarem beber nosso idioma numa fonte palpitante de vida.

Vossa obra literária tem-se ocupado muito de política. Era bem natural que com isso granjeasse inimigos. Da política, todo o mal que dela se diga não encherá as medidas da realidade. Quanto a mim, sou um de seus detratores convictos. Mas não vos indisporei com as pessoas espirituosas que entre nós combatem, falando-lhes das opiniões heterodoxas de vossas personagens.

Não se lhes deve revelar que esses senhores vêem no sufrágio universal uma armadilha para néscios, e, no governo popular, um sistema de ficções e de expedientes. Não direi que estejais errado. Mas o nosso amigo abade Coignard não seria tão intransigente em relação a certas coisas, se não tivesse o hábito vulgar da *rôtisserie*. Por isso é que ele sustenta que "os ministros merecem consideração apenas pelo seu traje e carruagem". Por isso é que ele gaba a sabedoria da velha de Siracusa, cuja experiência ensinava que o mais detestável dos tiranos é sempre melhor que seu sucessor. Por isso é que, após Dubois e Fleury, ele teme o governo de Jean Hibou. Por isso é que ele pensa que "os governos despóticos não passam de invólucro dos povos imbecis". Estou certo, Senhor ANATOLE FRANCE, de que só expusestes as teorias escandalosas desse estranho abade como quem expõe erros fatais, inspirados a um sacerdote transviado pelo espírito de sedição.

Não obstante, em seu íntimo, tinha esse abade de província o estofado de um perfeito político. Por este lado, e também pelo do espírito, trazia em si um DE RETZ e um TALLEYRAND de boa cepa. A Igreja foi sempre fértil em diplomatas consumados e em conhecedores de homens. É por isto, julgo eu, que o gentil oráculo da *"Rôtisserie" da Rainha Pédauque* deixou em suas conversações coisas dignas do breviário de um estadista. Teve ele, de modo penetrante, a intuição dessa ciência, no que ela tem de mais fino, de mais íntimo e de mais real: o sentimento da necessária inferioridade das personalidades governantes. "Um governo que, saindo da medíocre e comum

honestidade, escandaliza os povos, deve ser deposto", diz-nos ele. São palavras de ouro, e foi pena ver extinguir-se num canto ignoto a alma de que naturalmente transbordavam, "na graça e na paz", conselhos tão salutares às instituições conservadoras.

Ele era a tolerância mesma e a transação em pessoa. Vale dizer que nascera político. "De boa vontade absolvo os patifes", confessava ele singelamente, "e nem sequer às pessoas honestas tenho rancor." Eis, enfim, a pérola das lições de coisas na arte de ser polido, que certamente não é, oh, não!, aqueloutra, eminentemente política, de adular: "Informado de que um de seus cônegos estava à morte, o bispo de Sééz foi visitá-lo em seu quarto e encontrou-o moribundo. — Ah!, diz o cônego, perdoe-me Vossa Grandeza por morrer na sua frente. — Morra, morra! Não se incomode — respondeu bondosamente S. Exa." Mas deixemos de lado tal assunto. Vós o embelezastes; mas não é um assunto agradável.

Política, moral, filosofia, tudo o que sofre o influxo de vossa pena recebe a marca de vossa originalidade. Foi ela que juncou de flores de elegância as páginas de vossos livros. Eis como a incompatibilidade de vossa distinção natural com o vulgo atrai-vos ao paradoxo, um desses refinamentos de artista, que se debulham cintilantes entre os vossos dedos, insuperáveis na magia literária. No esplendor de nossas regiões tropicais, na família excêntrica das orquídeas, que povoam de fantasia a sombra silenciosa de nossas florestas, também encontramos a aristocracia do paradoxo fragrante, o reino florido do absurdo, sob formas estranhas, de uma invenção imprevista e fascinante. Erudito, humanista, colecionador de alfarrábios, amais a raridade desses esmaltes, desses camafeus, dessas gemas exóticas. Não vo-lo censuro. É, muita vez, pecado de voluptuoso sabor. As naturezas grosseiras dele não são capazes.

Em vós não busco o moralista ou o sociólogo. É, antes, sobre a arte imortal que vós reinais. Não quer isto dizer que as vossas especulações científicas discrepem da ordem ou da moral.

Simplesmente, não pertencem estas à sua alçada. Da altura de vossa obra têm-se a visão de todos os problemas que interessam à inteligência humana; e, ainda que não vos proponhais resolvê-los, ou vossas soluções nos desagradem, vossas denegações, vossas heresias, até vossas reticências são das que elevam o debate e estimulam o pensamento. Mas esta não é, certamente, a esfera de vossa vocação. Uma esplêndida, uma radiosa floração de arte, um inefável desabrochar de formas irrepreensíveis, nisso é que consiste a vossa obra, finamente delicada. Neste domínio da beleza terrestre, não se destronam, de seu Olimpo, os deuses dos gentios. Muito bem se dá FÍDIAS em companhia de MIGUEL ÂNGELO.

Demais, até sob os mais rebeldes movimentos da vossa incredulidade, abrem-se clareiras de uma doce luz, que sorriem à alma dos crentes, traços de inocência, de bondade ou de expiação nas quedas mais sombrias. Estais lembrado daquele religioso das tebaidas do vale do Nilo, possuído "do orgulho, da luxúria e da dúvida"? Renegou a DEUS e ao céu, enlaçando com os braços o corpo moribundo de Thaïs. Mas, ao se fecharem para sempre as pálpebras da inditosa, enquanto as virgens entoavam o cântico sagrado, a face do monge fizera-se negra e disforme como seu coração. "Tão hediondo se tornara ele que, ao passar a mão no rosto, sentiu-lhe a fealdade." Em vossa *História Cômica*, vós mesmo resumistes a moralidade neste gemido final de Félicie Nanteuil: "Que bem me importa ser uma grande artista, se não sou feliz?"

Aliás, se vossa obra está embebida de ironia, não menos o está de piedade: ao lado da ironia "doce e benevolente", que "nos torna a vida amável", a piedade que, chorando, "no-la torna sagrada". Com essa filosofia temperada de comiseração e bom humor, homem algum logrará ser perverso.

Em vossa produção ondulante e diversa, entre tantas figuras animadas pelo vosso hálito, bem difícil seria reconhecer a que melhor desenha vossa imagem interior. Permitir-me-eis, no entanto, a

temeridade de uma conjectura? É num Jérôme Coignard, esse Proteu espirituoso tal como vós, que se poderia ver trasladada, as mais das vezes, vossa silhueta íntima, ou o reflexo daquele disco sereno, cuja débil luz irisa-vos docemente os escritos em matizes harmoniosos. Esse discreto sutil, tão hábil em borboletear sobre as coisas quanto em aprofundá-las, esse professor de negligência e de ditos oportunos, de extravagância e de razão, cuja língua, de vez em quando, fala como o Eclesiastes, dizia, de uma feita, a seu caro aluno Tournebroche: "Nada surpreende a, audácia do meu pensamento. Mas preste bem atenção, meu filho, ao que lhe vou dizer. As verdades descobertas pela inteligência permanecem estéreis. Somente o coração é capaz de fecundar os próprios sonhos. Ele verte a vida em tudo o que ama. Pelo sentimento é que se lançam sobre a terra as sementes do bem. Longe anda a razão de ter tamanha virtude. E eu lhe confesso que, até aqui, fui por demais racional na crítica das leis e dos costumes. Por isto vai esta crítica cair sem frutos e secar, qual árvore crestada pela geada de abril. Cumpre, para servir aos homens, deitar fora toda a razão, como bagagem que estorva, e elevar-se nas asas do entusiasmo. Quem pensa jamais alçará vôo." As *Opiniões* deste sábio terminam pela vibração desse hino ao coração e ao entusiasmo. Eis aí como vosso ceticismo se arremessa ao ideal, apoiando-se nas mais poderosas forças da vida. Não será esta, ao menos aqui, a filosofia mais humanamente verdadeira?

Mas a vossa filosofia não é, propriamente, a vossa força. Vossa força, o império de vossa vocação, consiste no encanto e na nobreza dessa arte inimitável, imarcescível, de que hoje, em França, mais do que ninguém, tendes o segredo miraculoso. É aí que se encontra a essência do vosso pensamento, numa transparência luminosa como o leite verde de nossas praias, sob as vagas dormentes. Até os que mais se afastam de vossas idéias morais deslumbram-se com a amplidão, a pureza, a harmonia de vossa forma, cuja medida e correção evocam-nos, amiúde, os mármore imaculados. Ora, a forma, na idealidade de

suas linhas, é quase sempre o que resta do pensamento, como a ânfora antiga de uma essência perdida. Muitas vezes vossas obras elevam-nos à sensação da beleza perfeita, que não é de todo em todo a verdade e o bem, mas deles é um elemento adorável. Feito simplesmente de claridade e de espírito, vosso estilo, fluido cristal tocado sempre de um raio de sol, expande-se e move-se, na língua de RABELAIS e de MONTAIGNE, de VOLTAIRE e de PASCAL, de SÉVIGNÉ e de RENAN, com o desembaraço de vossos grandes predecessores, desses imperecíveis maiores. Mestre da expressão literária, árbitro da graça e do bom gosto, fazeis jus, entre todos, às homenagens dos letrados.

Tais homenagens a Academia Brasileira vem prestar-vos comovida, rendida que está aos encantos desse sedutor, a quem lhe é dado, hoje, apertar a mão e ouvir a palavra.

Também fazemos questão de vos agradecer vivamente vossa alta benevolência para com a intelectualidade brasileira, presidindo, em Paris, a sessão consagrada à memória de nosso ilustre e pranteado mestre MACHADO DE ASSIS.

Com a mais sincera efusão de alma e o reconhecimento mais profundo, vimos ainda exprimir-vos quão sensíveis somos à honra de vossa visita. Sensibiliza-nos ela como uma distinção real. Esta casa toda irradia felicidade. Por muito tempo lembrar-se-á dela seu teto humilde. Vossa presença aqui deixa-nos sentir vivo, ao nosso lado, o esplendor solar daquela grande França, que foi a mãe intelectual de todos nós, povos desta raça, e a respeito da qual se pôde escrever sem excesso de apologia: "Enquanto ela existir, daí provirá luz." O que é dizer tudo. Ocioso seria insistir neste ponto, a fim de vos traduzir, uma vez mais, a admiração e o enlevo de quantos, neste país, habituaram-se a seguir-vos.

Vemos em vós, neste momento, a encarnação mesma desse gênio latino, cuja glória enalteceste outro dia; cujas asas, estendendo-se para as bandas do porvir, abrigam a parte mais gloriosa do vosso continente, e, do nosso, a mais extensa. Se acaso um dia voltardes a

este clima, que, bem o sentis, não é hostil, ouvireis, então, vozes mais dignas de vós: as de nossos escritores, de nossos oradores, de nossos poetas. Mas se os nossos votos não vierem a ser atendidos, se jamais voltardes ao nosso país, esperamos que, ao menos, narrando um dia, na Europa, as maravilhas de nossa natureza, a isso possais acrescentar algumas palavras de fiel testemunho a respeito de nossa civilização.

Apêndice I

RESPOSTA DE ANATOLE FRANCE

Ao discurso de RUI, ANATOLE FRANCE respondeu de improviso. De suas palavras terão sido tomadas notas taquigráficas, que o *Jornal do Comércio* do dia seguinte¹ publicou, não sem avisar que "ANATOLE FRANCE respondeu *mais ou menos* [o grifo é nosso] nos seguintes termos".

Em dezembro de 1924, no mês seguinte à morte de ANATOLE FRANCE, a *Revista da Academia Brasileira de Letras* estampou, entre outros escritos referentes ao escritor francês, a saudação de RUI BARBOSA, seguida da resposta do homenageado. Esta coincide quase inteiramente com o texto publicado no matutino carioca, dele diferindo apenas pelo acréscimo de dois pequenos parágrafos iniciais, nos quais o autor da *Rôtisserie* se dirige diretamente a RUI.

Finalmente, em maio de 1944, o número especial da revista *Dom Casmurro* dedicado ao centenário de FRANCE, reproduz o texto da resposta tal como vem na *Revista da Academia Brasileira de Letras*.

Não conhecemos outros espécimes do agradecimento de ANATOLE FRANCE. Segundo BROUSSON, no *famigerado Itinéraire de Paris à Buenos-Ayres*, teria ele falado "un quart d'heure, d'abondance".² MICHEL SIMON, louvando-se, ao que parece, no testemunho do itinerante secretário, chega a transcrever, em sua biografia de RUI BARBOSA³, ditirambos do

¹ 18 de maio de 1909, p. 3, 1.^a col.

² BROUSSON, Jean-Jacques. *Itinéraire de Paris à Buenos-Ayres*. Paris, Les Éditions, G. Crès et Cie., 1928, p. 197. V. Apêndice IV.

³ SIMON, Michel. *Ruy*. Avec un message de Paul Claudel. Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 1949, p. 137.

escritor francês ao Rio de Janeiro e sua cultura. Ora, tanto o *Jornal do Comércio* quanto a *Revista da Academia Brasileira de Letras* e a *Dom Casmurro*, não trazem vestígio dessas louvações.

Já HOMERO PIRES⁴ refere-se às palavras de ANATOLE como "curta e formosa saudação" — o que está de acordo, ao menos quanto à extensão, com o texto da *Revista da Academia Brasileira de Letras*, que aqui transcrevemos, com as cautelas e reticências exigidas pelo seu caráter de improvisado taquigraficamente registrado.

M. Ruy Barbosa:

Vous avez eu la coquetterie de vous défendre de bien parler le français, et cependant vous nous avez donné une page charmante de littérature française...

Je vous l'assure, votre discours est une merveille. Et je m'y connais!

Vous me voyez très ému, très touché de me trouver au milieu de vous; mon regret de ne point savoir parler se double du chagrin de ne pouvoir exprimer comme je voudrais des choses que je sens si fortement.

Vous avez apporté sous votre beau ciel tout le passé du vieux monde et avez assumé l'effroyable tâche de réaliser ce qu'il peut contenir de beau et de grand. Vous vous êtes adopté les institutions de la vieille Europe en laissant de l'autre côté de l'Océan leur cortège de pessimisme; et c'est l'optimisme qui sera votre guide, ce dont je vous félicite, car l'optimisme est une forme de courage plus commune que l'on ne pense.

⁴ V. Apêndice II.

Vous avez entrepris l'éducation de votre peuple, après avoir abandonné nos préjugés pour n'appliquer que les idées, les plus nobles, celles de justice et de vérité. Et vous présentez au monde ceci d'admirable que vous n'avez pas de préjugé des races, si fatal à certains pays et dont ils ne se débarrassent qu'au prix de luttes sanglantes. Vous allez ainsi de pair en cela avec les plus grandes nations: l'Angleterre, par exemple, ne connaît point le préjugé des races.

Je suis heureux de rendre ici un hommage à M. RUY BARBOSA, l'heureux champion de cette grandiose pensée: la possibilité — je ne dis pas probabilité — de la paix universelle! Il faut se garder des erreurs généreuses et se prémunir contre les surprises du cœur, mais tout fait prévoir que par votre talent et par la chaleur de votre conviction vous aurez réservé à votre République la gloire d'avoir contribué à apporter au monde la paix universelle.

Je salue encore une fois cette Académie, qui représente une culture et un esprit si voisin des nôtres, et fait rayonner l'esprit latin avec tant de fierté et de simplicité.

Apêndice II

De uma carta de HOMERO PIRES a JOSÉ
WANDERLEY DE ARAÚJO PINHO, na cidade
da Bahia. O original está no arquivo
da FCRB.

Rio, 18 de maio de 1909

JOSÉ

Antes de falar da sua carta do dia 8, e ontem à noite recebida, quero falar do Rio.

Ontem estive na Academia Brasileira de Letras, onde fui ver a recepção do ANATOLE FRANCE. Este devia ter desembarcado anteontem; mas como o vapor chegasse às 8 horas, o ANATOLE se recusou, por intermédio do seu secretário, a saltar na cidade naquela noite. Assim, pois, a comissão da Academia voltou sem ele, e eu tomei um grande incômodo, à espera no cais Pharoux. Entretanto, levei todo o tempo a conversar com o CONSTÂNCIO ALVES, que lá estava, e que comigo voltou para o Catete. Ontem porém, eu era o primeiro a entrar na Academia. Não houve aliás enchente, pois as cadeiras nem todas estavam ocupadas. Dos próprios acadêmicos lá só estavam 14, quando eles são 40. O primeiro a falar foi o RUI, que leu um brilhantíssimo discurso em francês. Todos os acadêmicos cobriram-no de elogios, e o ANATOLE FRANCE, em conversa com o JOSÉ VERÍSSIMO, disse que era extraordinária a maneira por que o RUI escrevia o francês. Em seguida discursou o ANATOLE, numa curta e formosa saudação. Quando a sessão se levantou, e depois de tirarem em grupo o retrato num dos pátios da Academia, o

JOSÉ VERÍSSIMO levou o ANATOLE para a Biblioteca Nacional, que fica muito perto da Academia. Para lá também segui, acompanhado do CARLOS DA VEIGA LIMA e um colega. Depois de uma visita por toda a casa, na qual vi um exemplar da Bíblia impresso por GUTTEMBERG [sic] e outros muitos livros raros, fomos todos para uma sala. Aí pedi ao CONSTÂNCIO ALVES, que é secretário na Biblioteca Nacional, um papel em que o ANATOLE FRANCE pudesse assinar o seu nome. O CONSTÂNCIO disse-me que eu me servisse de um dos meus cartões, mas, como eu não tinha nenhum na ocasião, o próprio CONSTÂNCIO tirou um dos seus, dando-o ao JOSÉ VERÍSSIMO para que este obtivesse o autógrafo do ANATOLE FRANCE. E este autógrafo é que eu lhe mando, ainda mais seguido pela assinatura do ALBERTO DE OLIVEIRA, que de bom grado a tal se me prestou nesse mesmo dia, quando eu com ele me encontrei na Livraria Garnier.

.....
.....

Um abraço muito apertado
De

HOMERO

Apêndice III

Morto ANATOLE FRANCE, em fins de 1924, seu antigo secretário, J.J. BROUSSON, deu-se pressa em publicar um rancoroso florilégio de perfídias, a que chamou *Anatole France en pantoufles*. Três anos mais tarde, estimulado pelo escandaloso sucesso do primeiro livro, retomou a campanha de póstumo denegrimiento do grande romancista, e deu à estampa o seu *Itinéraire de Paris à Buenos-Ayres*. Dessa vez, às caricaturas e dichotes ali amontoados contra personalidades e coisas do Brasil, opôs BATISTA PEREIRA, genro de RUI BARBOSA, este retrato de BROUSSON, que o *Jornal do Comércio* publicou a 27 de janeiro de 1928, sob o pseudônimo de JACQUES TOURNEBROCHE.

LE SECRÉTAIRE D'ANATOLE FRANCE

BROUSSON À RIO

(O público brasileiro deve ter lido as injúrias e invenções editadas no estrangeiro contra o Brasil, por JEAN-JACQUES BROUSSON, que esteve entre nós em 1908¹, acompanhando ANATOLE FRANCE.

Leia agora em francês e a traços rápidos a caricatura do mesmo indivíduo, cuja triste notoriedade se fez à custa das mais flagrantes violações da delicadeza e da verdade.

Sob o pseudônimo de JACQUES TOURNEBROCHE se oculta um dos nossos mais brilhantes colaboradores.)

¹ Assim no original. Na verdade a passagem de A. France pelo Rio foi em maio de 1909.

J'ai connu BROUSSON à l'Hôtel Rio Branco, ci-devant Laranjeiras, lors du séjour d'Anatole France à Rio en 1908². À l'instar du philanthropique cabotin, éclairé de génie, qui mettait aux Enfants Trouvés ses propres enfants, il s'appelle JEAN-JACQUES. Quel prédestiné! Ce prénom de JEAN-JACQUES fleure l'innocente amoralité de ROUSSEAU, du "bonhomme méchant" du Chevalier de Boufflers, dont on trouvait l'esprit partout et le cœur nulle part, hormis dans ses livres. JEAN-JACQUES! C'est un portrait, au cœur près. Adjoignez BROUSSON, la brousse, les broussailles, les ronces, les épines, la végétation plate, où se cachent les vipères. C'est un paysage. Comme c'est bien assorti! On ne pourrait mieux accoupler la cruauté ingénue, affublée de sensiblerie, et la bassesse brouillone. JEAN-JACQUES BROUSSON! Le nom définit la chose, c'est-à-dire l'honnête et malveillant coquin qui le porte.

Je l'ai connu. C'était un petit homme maigre, hâve, fureteur, dont le nez en vrille avait l'air d'être toujours à l'affut de quelque saloperie. Il avait la mine famélique et blafarde des pauvres sires de cabaret et des piliers de tripot. On sentait qu'ayant du blémir sous mainte rebuffade au cours d'une perpétuelle chasse à la pièce de cent sous, il en avait amassé les rancunes.

C'était de plus un homme inquiet. Avez-vous déjà vu l'hyène entre les barreaux de sa cage? Elle ne cesse de marcher de long en large. Pareille mobilité trimbalait partout ce chafouin de BROUSSON. S'asseoir était pour lui le sacrifice. Quand il lui fallait bien s'y soumettre il se dédommageait en faisant jouer ses regards. Un tic convulsif ridait alors sa paupière gauche, toujours clignotante. On dirait que ce geste nerveux battait la mesure au tribouil intérieur de son âme hargneuse.

² Assim no original. Na verdade a passagem de A. France pelo Rio foi em maio de 1909.

Il ne dévisageait point les gens. Ses regards louches et vitreux guignaient toujours ceux de ses interlocuteurs. On sentait qu'il cachait quelque chose dans les réplis d'une âme ténébreuse.

L'observateur superficiel eût pris pour de la modestie les attitudes de ce garçon qui, les yeux baissés, toujours à l'écart, ne se mêlait même pas aux conversations. Ce n'était qu'un trompe-l'œil. Quiconque eût pû se donner la peine d'étudier les expressions involontaires de ce visage n'aurait pas été long à saisir l'incroyable méchanceté que parfois le décomposait.

Quand il pensait ne pas être observé, BROUSSON laissait tomber son masque de petit secrétaire empressé. Il avait parfois besoin de respirer à l'aise.

Le masque l'étouffait. Ses yeux étincellaient alors. On le sentait dominé par une implacable rancune. C'étaient la revolte, la haine, l'envie longuement refoulées, qui revenaient à la surface. Les serpents de la Méduse devaient se reveiller ainsi, tout à coup.

Croire que le Maître ignorait l'âme de son secrétaire ce serait étrangement se tromper. Non. Il connaissait le fin fond de son jeu et s'amusait à le suivre comme l'amateur d'échecs suit une belle partie. À ceux qui étaient arrivés à percer la noirceur des sentiments de BROUSSON et qui lui en parlaient, il répondait :

— Laissez, donc, mon ami. Que peut-il contre moi? Des calomnies? Je m'en soucie fort peu. Probablement elles ne pourront même pas m'atteindre là où jè serai quand il osera les imprimer. D'ailleurs on ne travestit pas impunément la vérité. La part des méchants serait trop belle. On perce vite le mensonge. Le demimensonge est plus difficile à décéler. Mais on y arrive toujours. Voyez SAINTE-BEUVE, qui avait du talent. Sa médisance n'a fait de tort qu'à lui-même. Puis-je craindre ce triste BROUSSON? Petit presomptueux, qui se berce de l'idée d'avoir les faveurs de la Gloire, et qui pourra tout au plus étreindre son fantôme sous le signe fallacieux d'Onan! Le jour

où il connaîtra sa décevante méprise on le verra crever de dépit, de rage et du dégoût de lui-même .

— Maître, comment l'avez-vous connu?

— Par hasard, à la bibliothèque du Sénat. J'y étais assidu, quand j'avais des recherches à faire. Un jeune homme s'y rendait chaque jour, très pauvrement accoutré. Il ne portait pas de manchettes et n'avait qu'un faux-col, reconnaissable à une tâche d'encre, une tâche obsédante. Chaque matin, en me rendant à la bibliothèque je me demandais: "L'aura-t-il changé aujourd'hui cet éternel faux-col?" Non. Il était là avec sa tâche, ineffaçable comme celle de Macbeth. Un beau jour elle disparut. Et savez-vous pourquoi? Parce que ce jour-là BROUSSON, tout boutonné, n'avait qu'un vieux foulard autour du cou. Son unique faux-col était à la lessive. Je compris sa détresse et le pris comme copiste, à cent francs par mois. Il m'avoua qu'il n'allait si souvent à la bibliothèque qu'à cause du chauffage. Avec son premier trimestre, payé d'avance, il s'acheta son premier costume convenable. Il était ladre et malveillant. Dès le début et à mes premières observations je remarquai des lueurs de colère dans ses regards. Certain jour un miroir oublié parmi mes livres me fit surprendre sur son visage une telle expression que j'en arrivai à frissonner. À deux ou trois reprises je m'assurai que je ne me trompais point et qu'il en était bien ainsi. Sûr de mon fait, je l'appellai alors sans bouger.

— M. BROUSSON?

— Cher Maître, que désirez-vous?

Et j'avais devant moi comme d'habitude le même garçon respectueux bienveillant et empreint d'une douceur pateline. Je donnais le change à son hypocrisie. A tel rat tel chat. Pas une inflexion de ma voix ne lui montrait que je l'avais observé.

"— J'ai pensé que vous ne gagnez pas assez. Pourtant il vous faut améliorer votre garde-robe. Vous connaissez le proverbe: L'habit ne fait le moine. N'y croyez pas. C'est tout le contraire de la vérité. Mme. ARMAND, chez qui vous devez m'accompagner, n'est pas une femme

futile. Cependant, si vous vous négligiez, elle ne vous recevrait point de bonne grâce."

Et c'était l'occasion pour moi de nouvelles libéralités.

"— Maître, vous me comblez. Vous êtes mon second père. Je suivrai vos conseils de mon mieux" — disait-il.

C'est comme ça que je connus BROUSSON.

J'eus toutes les peines pour en faire non pas un homme du monde mais quelqu'un de présentable. Il n'avait jamais pris un grand bain. Je l'emmenai au Hamman. La première fois j'ai dû lui servir de paravent. J'eus honte. BROUSSON était couvert d'une épaisse couche de crasse. N'eût été un flacon d' Eau de Cologne, dont je m'étais pourvu à bon escient, son exsudation aurait empoisonné l'atmosphère.

Grâce à mon stratagème, les choses se passèrent convenablement. Son enduit gras, liquéfié, disparut, par les orifices d'écoulement du parquet. J'avais accompli un miracle. Il était propre...

Savez-vous comment il se fournissait de tabac? En ramassant les bouts de cigare qui traînaient dans mes cendriers. J'avais honte de m'en apercevoir. Mme. LAPRÉVOTTE, ma bonne, m'en parla. Mais, lui, malin, eût vent de la chose. Il se procura des bouts de cigares à deux sous, je n'ose penser comment, et il les changea contre ceux de mes amis. Les cendriers restaient pleins. Mme. LAPRÉVOTTE, naïve, n'y trouvait rien de changé.

Il était regrettable de voir si malpropre et si avaricieux un garçon intelligent, comme lui. Plein de curiosité, je m'en fus aux renseignements pour connaître sur ses origines. D'où cela lui venait-il? Une agence me le dévoila. Fils d'un chiffonnier, il avait l'empreinte héréditaire. En plus, son enfance s'était écoulée en piquant des mégots sous les tables des cafés du boulevard.

FRANCE était pensif. Je lui demandai si BROUSSON n'avait pas perdu ces habitudes en sa compagnie. Il hocha gravement la tête.

— Non, mon ami. Malheureusement non. C'est congénital. C'est plus fort que lui. Connaissez-vous l'histoire du chat qu'une fée changea en prince? Marié à la fille du Roi, le soir de ses noces entendant le grignotement d'une souris, il ne put se maîtriser, redevint chat et perdit son charme. BROUSSON non plus ne peut cacher ses instincts.

Je l'ai vu, de mes yeux vu, ce qu'on appelle vu pas plus long qu'avant hier. Le BARÃO DE RIO BRANCO est venu me voir. Il fumait, comme toujours, un beau cigare. J'observais BROUSSON à la dérobée. Ses narines se gonflaient à odeur parfumée. Je sentais sa gorge sèche. RIO BRANCO resta une demi-heure, laissant le cigare à moitié fumé. Je le conduis jusqu'au perron. A contre-cœur BROUSSON dût nous accompagner. Pour le retenir je me mis à causer avec lui, puis j'entrai dans ma chambre. Mais je me mis à l'observer. Après deux ou trois tours du salon pour s'assurer qu'il était seul, il avança sournoisement la main vers le cigare. J'ouvris la porte avec fracas. Il tressaillit et perdit contenance. Pendant un long quart d'heure je l'ai taquiné de ma présence. Enfin de guerre lasse je retournai dans ma chambre. Dix minutes après je reconnus son pas sur le trottoir. De la croisée je l'aperçus. Il descendait la rue triomphalement, son bout de cigare aux lèvres.

— Mais comment pouvez-vous, Maître, souffrir le contact d'un tel chenapan? lui dis-je.

— La curiosité, mon ami. Et aussi, si vous voulez, une pointe de sadisme. BROUSSON est un beau sujet. Vous ignorez peut-être la passion clinique des monstruosité. Il y a des médecins qui payent pour soigner le porteur d'un beau cancer, rien que pour voir son développement. BROUSSON est mon malade. Il a un beau cancer moral, que j'étudie. Je ne peux pas m'en dessaisir avant l'heure.

— Mais quand arrivera-t-elle cette heure? Ne trouvez vous pas, Maître, que ce jeu est un peu dangereux?

— Oui, je l'avoue. Mais il ne fera jamais de l'irréparable. Quoique je ne laisse pas traîner sur les tables mon carnet de chèques, je suis sûr

qu'il est trop roublard et qu'il a trop de peur de la police, pour oser faire par exemple un faux sous mon nom. Il se contentera de me dénigrer et d'escamoter des bagatelles.

— Comment, Maître? Est-ce un filou par dessus le marché?

— Oh, non, mon bon ami, n'exagérons pas... C'est un brave garçon, incapable de s'exposer à avoir maille à partir avec le code. Seulement il a un sentiment assez large de la propriété. Il confond ce qui est à moi avec ce qui est à lui. Regardez ses chaussettes. Croyez-vous qu'il se les soit achetées? Vous vous tromperiez étrangement. Il est allé les pêcher dans mon sac à linge sale.

Des remarques comme celles-là ANATOLE FRANCE en faisait à foison sur son ennemi intime. Mme. BRINDEAU, elle, ne se gênait pas pour lui marquer son mépris. Moins ouatée et moins diplomate que le Maître, elle le tançait parfois vertement. BROUSSON, n'ayant pas le courage de se payer une brosse à dents, se servait de celle du premier venu; cela n'arrivait, c'est vrai, que, tout au plus, une fois par mois. Mme. BRINDEAU acquit la certitude que la sienne y avait passé. Reclamation et scandale. Le Maître intervint souriant et ironique. "Pas possible!" Il pouvait assurer à sa bonne amie que BROUSSON ne s'était jamais servi d'une brosse à dents, vû que son magnifique ratelier le dispensait de cette corvée.

FRANCE se plaisait des fois à observer BROUSSON, mais le plus souvent il le voulait à cent lieues de lui. J'eus l'occasion de le suivre dans une excursion au Corcovado, en compagnie de quelques uns de nos gens de lettres. Il s'enquît des noms des invités: JOSÉ VERÍSSIMO, OLAVO BILAC, EUCLIDES DA CUNHA, SOUSA BANDEIRA, RODRIGO OTÁVIO, ALBERTO DE OLIVEIRA, ROBERTO GOMES, ARAÚJO JORGE, etc. Il me demanda confidentiellement: "N'allez pas, au moins, inviter BROUSSON, qui me gênerait la journée. Son hostilité braquée sur moi m'amuse quand je peux me tenir sur le qui-vive. Mais il me faut des moments d'abandon et de détente. Parfois j'ai besoin de me sentir aimé. Trouvez-moi une occupation pour BROUSSON".

L'occupation ne fut difficile à trouver. Une Elvire africaine, la cuisinière de la maison d'en face, s'était laissé conter fleurette par ce Lamartine de l'office. La négresse, dûment dressée par le portier de l'hôtel, à l'instigation de ROBERTO GOMES, fit miroiter aux yeux de son amoureux la perspective d'une promenade romantique à Icaraí, dont elle ferait les frais. BROUSSON, enchanté de cette aubaine, s'empressa de demander un congé de deux jours. Le Maître, ravi, le lui accorda. Le lendemain, au cours de sa promenade, il se frottait parfois les mains, avec un sourire satisfait:

— Ce brave BROUSSON! Il a la sagesse et les goûts de Salomon. Ce qu'il doit s'amuser à cette heure avec sa reine de Saba.

ROBERTO GOMES, après ce coup de maître, fut un des préférés de FRANCE à Rio. Parlant un français très pur, doué d'une mémoire prodigieuse, il plût beaucoup à ANATOLE FRANCE, qui lui fit même des confidences au sujet de sa dernière histoire sentimentale. Le joug de Mme. ARMAND lui était devenu trop pesant. Il avait besoin de vacances. Indolent, il avait abandonné les rênes de sa destinée entre les blanches mains de son impérieuse amie. Sa volonté devant elle était frappée d'une sorte d'inhibition. Comment se reprendre, et redevenir le bohème [*sic*], l'artiste museur et nonchalant d'autrefois? Son voyage en Amérique était plus qu'une escapade: c'était une émancipation. Mal affermi dans son dessein, doutant de lui-même, il s'attacha à Mme. JEANNE BRINDEAU. Avec elle il reprenait son rôle masculin. Il était le chef du couple, le seigneur, le maître, le dieu, dont les désirs étaient devinés et dont les caprices faisaient la loi. Il aurait pû refaire à sa façon le vers de VICTOR HUGO:

"Ton amour m'a refait une virilité!"

Son bonheur avait, cependant, une ombre. Il connaissait sa faiblesse et savait qu'au premier geste de Mme. ARMAND ses velléités d'indépendance ne manqueraient pas de s'évanouir, et qu'il retomberait

repentant à ses pieds. Comment éviter cette faiblesse, et mettre de l'irréparable entre lui et sa douce amie? L'irréparable n'aurait pu être que la mort ou le mariage. FRANCE choisit le dernier. Il fut à deux doigts du sacrement. Un éclair de bon sens le sauva. BROUSSON tressaillit de plaisir en voyant FRANCE ridicule et accusé de gâtisme, mais montra imprudemment sa joie. FRANCE le surprit dans des attitudes qui l'éclairèrent et prit sournoisement un parti. Il ne détromperait pas Mme. BRINDEAU, qu'il suspectait de complicité avec son secrétaire, mais une fois à Paris l'aventure prendrait fin. Et il en fût ainsi. J'eus souvent l'heur de causer avec le Maître. Quand, renseignés par le portier VALENTIN, nous savions BROUSSON accaparé par QUITÉRIA (voilà que je me rappelle le nom de la maritorne!) nous causions à cœur joie sur sa situation envers FRANCE. Mme. BRINDEAU était au théâtre. ANATOLE FRANCE, coiffé d'une calotte rouge, en robe de chambre, disséquait BROUSSON avec la sombre attention d'Adrien Vulp, dans la *Leçon d'Anatomie*.

Je crois que le plus grand plaisir éprouvé par FRANCE en Sud-Amérique fut celui d'apprendre que peu s'en fallut que le mari de la négresse n'eut pincé BROUSSON dans sa chambre. Les coupables croyaient l'Othello à la caserne. Mais ayant eu vent du gigolo étranger il s'était fait donner une permission. A près s'être soûlé, il revint au logis à trois heures du matin. La chambre était petite et n'avait d'issue que la porte. Pas moyen d'évasion. QUITÉRIA fut superbe d'aplomb. Tandis que son amant transi tremblait de tous ses membres, elle prit la résolution de jouer le tout pour le tout.

Son loulou Pipo, dont les jappements auraient vite dénoncé un rival détesté, était chez une voisine serviable. Tranquille de ce côté là, elle fourra BROUSSON sous son lit. Il n'eut que le temps de se recroqueviller avec le paquet de ses hardes, entassées pêle-mêle.

Le soldat n'avait pas le flair de l'ogre qui reniflait de loin la chair humaine. Ne voyant personne il oublia ses soupçons. Tout à son eau-

de-vie, il en demanda encore. QUITÉRIA lui en versa un grand verre tout plein. Tout botté, il s'allongea sur le lit.

Tapi dans sa cachette, l'héroïque secrétaire d'ANATOLE FRANCE, s'évertua à ne pas bouger. Mais des punaises malicieuses le prirent à leur compte et une piqûre indiscrete comme le doigt de Hans Carvel le fit sursauter malgré lui. Le sommier en trembla. Le soudard, en train de se faire débotter par sa maîtresse, s'en rendit compte confusement. D'une langue pâteuse il demanda de quoi s'agissait-il. QUITÉRIA, sous le coup du danger, ne perdit point son sang froid. Il l'entendit crâner:

— Vois-tu pas, vieil idiot, que c'est Pipo?

Le soldat allongea le bras et tout en claquant du bout des doigts, l'appella:

— Tiens, c'est toi, Pipo? BROUSSON comprit la situation. En attendant que le sommeil eût contrefaire³ la brute avinée, il fallait à tout prix contrefaire la caresse canine. Il ne fit pas le difficile et léche longue⁴ et savamment la main vélue que le reître abandonnait à sa langue, bien sûr que c'était Pipo, accouru à l'invite de ses castagnettes.

Ce ne fut que quand toute la maison trembla aux ronflements de l'ivrogne que BROUSSON eût la force de se sauver. Sa frousse eût quelque chose d'épique: il arriva à l'hôtel le paletot à l'envers, les bretelles et la chemise à la main. VALENTIN le porta sur son lit et appella le médecin. Il mit trois jours à se remettre du choc. Pour expliquer son alitement il pretexta une migraine atroce, "peut-être un commencement de typhoïde". ANATOLE FRANCE, mis au courant de la scène, fut parfait de sollicitude, et d'ironie. Il lui disait: "Reposez-vous, mon ami. Ces maladies tropicales sont très dangereuses. Vous vous devez aux lettres. Soignez-vous." ANATOLE FRANCE consigna dans ses notes cette équipée qu'il appelait la *Noire Méaventure de Brousson*. Où sont-elles, ces

³ Assim no original.

⁴ Assim no original.

notes? BROUSSON les aurait-il chipées? C'est une demande à adresser à *l'Intermédiaire des Chercheurs et Curieux*.

FRANCE avait l'intention de les communiquer à COURTELINE ou à TRISTAN BERNARD. Il trouvait à la scène du chien une allure moliéresque et contait bien qu'une fois jouée, elle ferait crever de rire le Tout Paris.

C'est une consolation pour les amis de la grande victime que de constater que son instinct ne l'avait pas trompé sur ce roi des goujats. On a voulu comparer sa méchanceté à celle de SAINTE-BEUVE. C'est une irrévérence et une sottise. SAINTE-BEUVE savait le français. SAINTE-BEUVE avait du talent, presque du génie. Il n'eut dans sa longue carrière qu'une faiblesse: ses vaniteuses et criminelles indiscretions sur le couple fameux.

BROUSSON appartient à la valetaille de la pensée. Il a la tare congénitale du ramasseur de déchets. Il gueusille dans le mensonge en quête de calomnies comme son père tripatouillait des chiffons dans les rigoles de Paris. Son livre est une hotte et sa plume un crochet de chiffonnier. Son langage est plein de fautes. Son style est toujours chiche et ladre. En vain chercherait-on dans ce qu'il écrit une note de générosité, une envolée, un signe de noblesse. Point. Partout la petitesse, le mensonge, la souillure. Manquant le courage d'entrer dans les lettres avec le bond audacieux des grands fauves ou avec le coup d'aile des oiseaux de proie, il se contente du trotte-menu des rongeurs. Qu'on lui laisse grignotter les fleurs des couronnes funèbres d'ANATOLE FRANCE. Ça lui suffit. Il ne veut que forcer le monde à s'apercevoir de l'existence d'un pauvre hère nommé BROUSSON qui vécut dans l'entourage du Maître de Thaïs.

Va, BROUSSON, SAINTE-BEUVE à la manque. On ne te prendra pas au sérieux. La Renommée te verra avec les yeux de ta négresse: lâche, louche et lécheur. Tu t'es ravalé aux chiens pour laper la patte d'un rodomont. Ce n'était pas une raison pour mordre lamain du glorieux vieillard qui t'a ramassé dans le ruisseau pour te déposer au seuil de son immortalité. Vomis-y à ton aise: il se trouvera toujours un balai

vengeur pour nettoyer le monument du Maître et te frotter la figure avec tes propres ordures.

JACQUES TOURNEBROCHE

ÍNDICE

Apresentação [Homero Senna]	2
Introdução [Sergio Pachá]	7
Discurso de Rui Barbosa	12
Apêndice I	36
Apêndice II	40
Apêndice III	43